

LIMITES E POSSIBILIDADES DA TEORIA BOURDIEUSIANA: UMA ANÁLISE DA VARIÁVEL GÊNERO/SEXO ASSOCIADA AO DESEMPENHO REDACIONAL NO ENEM

Izabel Jensen Santana¹

RESUMO: Há uma série de fatores internos e externos à escola que podem ser associados à desigualdade de rendimento escolar. A teoria de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron revela-se como um importante recurso para denunciar e combater tais desigualdades. Diante disso, a fim de verificar a desigualdade relacionada ao desempenho escrito, foram selecionados os dados disponibilizados pelo Inep, no que diz respeito ao perfil dos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio, bem como seus resultados na redação. O *corpus* deste estudo é de 1.154.800, composto por indivíduos que realizaram a redação do Enem, no período entre 2009 e 2018, que obtiveram nota zero ou nota mil em seu texto. O recorte dos resultados foi realizado devido à grande disparidade de redações com nota máxima e mínima. Por meio da análise da variável: sexo/ gênero, objetivou-se identificar os limites e as possibilidades da teoria bourdieusiana para compreender esse fenômeno. Verificou-se que a teoria apresenta certa fragilidade no que diz respeito ao uso dessa variável, tendo isso em vista, foram apontados outros caminhos para realizar tal análise quanto aos resultados obtidos na redação do Enem.

PALAVRAS-CHAVE: Desempenho Escrito. Desigualdade de gênero. Desigualdades Escolares. Pierre Bourdieu. Redação do Enem.

¹ Doutoranda em Educação na linha de Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: izabeljs12@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0241-9086>.

LIMITS AND POSSIBILITIES OF BOURDIEUSIAN THEORY: AN ANALYSIS OF THE GENDER VARIABLE ASSOCIATED WITH THE WRITTEN PERFORMANCE IN THE ENEM

ABSTRACT: There are a number of factors internal to and outside the school that can be associated with inequality in school performance. The theory of Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron is an important resource for denouncing and combating such inequalities. Aiming to verify the inequality related to written performance, the data provided by Inep were selected according to the profile of the participants of the Exame Nacional do Ensino Médio and the results of the participants in the writing. The corpus of this study is 1.154.800, composed of individuals participating in the writing of Enem, in the period between 2009 and 2018, who obtained a score of zero or a thousand in their text. The cut was made due to the great disparity of essays with maximum and minimum grade. Through the analysis of the variable: gender, the objective was to identify the limits and possibilities of Bourdieusian theory to understand this phenomenon. It was verified that the theory presents some fragility regarding the use of this variable. Therefore, other ways were pointed out to perform such analysis regarding the results obtained in the writing of Enem.

KEYWORDS: Written Performance. Gender inequality. School Inequalities. Pierre Bourdieu. Writing Enem.

LÍMITES Y POSIBILIDADES DE LA TEORÍA BOURDIEUSIANA: UN ANÁLISIS DE LA VARIABLE GÉNERO/SEXO ASOCIADA AL DESEMPEÑO ESCRITO EN ENEM

RESUMEN: Hay muchos factores internos y externos a la escuela que pueden ser asociados a la desigualdad de rendimiento escolar. La teoría de Pierre Bourdieu y Jean-Claude Passeron se revela como un importante recurso para denunciar y combatir estas desigualdades. Con el objetivo de verificar la desigualdad relacionada al desempeño escrito, fueron seleccionados los datos publicados por Inep, en lo que se refiere al perfil

de los participantes del Exame Nacional do Ensino Médio, bien como sus resultados en redacción. El corpus de este estudio es de 1.154.800, compuesto por individuos que realizaron la redacción del Enem, en el periodo entre 2009 y 2018, que obtuvieron nota cero o nota mil en su texto. El recorte de los resultados fue realizado debido a la grande disparidad de redacciones con nota máxima y mínima. Por medio de análisis de la variable: sexo/género, tuvo como objetivo identificar los límites y las posibilidades de la teoría bourdieusiana para comprender ese fenómeno. Se verificó que la teoría presenta cierta fragilidad en lo que se refiere al uso de esa variable, a vista de eso, fueron apuntados otros caminos para realizar tal análisis cuanto a los resultados obtenidos en la redacción del Enem.

PALABRAS CLAVE: Desempeño escrito. Desigualdad de género. Desigualdades Escolares. Pierre Bourdieu. Redacción del Enem.

INTRODUÇÃO

O tema do presente artigo se insere nas discussões acerca dos fatores associados à desigualdade de desempenho escolar, a partir das notas nas redações do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), com recorte para variável gênero/sexo. O referencial analítico parte do aporte bourdieusiano, apontando limites e possibilidades de interpretação².

Abordar a temática das desigualdades, sobretudo na sociedade brasileira, é um grande desafio, uma vez que são inúmeras as condições de existência, as distinções entre os indivíduos e os fatores associados à manutenção e/ou superação dessas desvantagens. Devido ao recorte temático e teórico, a desigualdade aqui tratada é a desigualdade educacional, mais especificamente, a desigualdade de desempenho escolar.

Vale destacar que as pesquisas envolvendo desigualdades educacionais, pelo viés da Sociologia da Educação³, sobressaíram-se nas

² Este artigo foi desenvolvido a partir de discussões prévias realizadas pela autora em sua dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (SANTANA, 2021), posteriormente, novas reflexões foram produzidas e aqui apresentadas. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/71806>

³ Destaca-se o trabalho intitulado “As pesquisas sobre trajetórias escolares no Brasil” (MASSI, MUZZETTI, SUFICIER, 2017), o qual faz um apanhado bastante robusto das pesquisas envolvendo as trajetórias, separando os estudos por classes (populares, médias e altas) e apresentando comparações entre eles.

décadas de 50 e 60. Ao longo desse período, foram realizados grandes levantamentos de dados a fim de verificar a influência das variáveis relacionadas ao desempenho escolar. Por meio delas foi constatado que há fatores familiares que interferem na disparidade de rendimento escolar. Posteriormente, também foi observado que elementos culturais da família e da classe social a que pertencem os estudantes contribuem para as diferentes formas de ser, perceber e agir no mundo (ALVES et al., 2013).

Tais pesquisas foram, sem dúvida, influenciadas pelas denúncias sobre o sistema escolar apontadas por Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1992) em *A Reprodução: elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Nessa obra, os autores afirmam que há fatores da classe de origem dos agentes que influenciam em suas carreiras escolares. Em um quadro esquemático, apresentam as possíveis retraduzões desses fatores ao longo do percurso escolar, esse esquema será mais aprofundado adiante.

Com o avanço das pesquisas acerca das desigualdades educacionais e as relações familiares, foram sendo ampliados os aspectos de análise, na busca por compreender as diversas dinâmicas, estratégias e processos de socialização envolvidos ao longo da carreira escolar e das trajetórias sociais. Passaram a ser realizadas, então, investigações voltadas para os estudantes, seus pais e demais pares de convívio.

No entanto, vale destacar que variáveis como capital cultural e categorias socioprofissionais, centrais nos estudos sobre desigualdades escolares, foram importantes e ainda possuem valor analítico. Mas, a sociedade contemporânea apresenta características mais fluidas e, conseqüentemente, desigualdades “novas” (FITOUSSI; ROSANVALLON, 1997) que requerem um olhar mais dinâmico para suas particularidades, tais como as questões de gênero.

O que se defende aqui é que ainda é possível realizar análises partindo de variáveis que delimitem o perfil socioeconômico de diferentes grupos sociais, visando apreender o nível de capital cultural possuído, mas é necessário ampliar esse conceito, considerando que há novos conteúdos culturais valorizados pela escola, de modo que novas

competências podem funcionar como capital cultural⁴ de forma relacional e em constante movimento (DRAELANTS; BALLATORE, 2021 e PIOTTO; NOGUEIRA, 2021). Entretanto, para uma investigação mais minuciosa e detalhada de determinadas realidades, outras variáveis devem ser consideradas, isto é, não somente aspectos de nível socioeconômico.

Um dos fios condutores de toda a teoria bourdieusiana é a questão da dominação (PEIXOTO, 2017). Dentre as várias possibilidades de dominação, está a dominação masculina, a qual ocorre tanto no viés simbólico como cultural. Vale destacar que a variável gênero/sexo apareceu nas primeiras análises presentes em “A reprodução”, na qual os autores problematizam tal fator em conjunto com a classe de origem. Para eles, o sexo e a origem social, presentes na fase primária da carreira escolar, ao serem retraduzidas, na fase secundária, relacionam-se diretamente às probabilidades objetivas das condições de classe. Portanto, direta ou indiretamente, participam do processo escolar e interferem, em diferentes graus, nos resultados obtidos posteriormente.

Ao desenvolverem seu argumento acerca das desigualdades de êxito escolar, Bourdieu e Passeron (1992a) defendem que a relação pedagógica acontece por meio da relação com a comunicação. Entende-se que a relação com a comunicação precede ao contexto escolar, ou seja, a linguagem é algo que os estudantes carregam desde o seio familiar e, portanto, está intimamente ligada à classe de origem. Para essa relação com a comunicação ou com a linguagem, os autores atribuem o nome de capital linguístico.

Antes de avançar nas análises, faz-se necessário explicitar o que seria o chamado capital linguístico. Destaca-se que o capital linguístico é uma dimensão do capital cultural (BATISTA, 2017), é um exemplo de capital que é produto do sistema de ensino (em conjunto com o capital cultural herdado), no entanto, seu potencial transborda os limites escolares e invade instâncias sociais que permeiam toda a vida dos agentes, seja no âmbito profissional, seja nas demais relações interpessoais (SANTANA, 2021).

⁴ Entende-se que o capital cultural é herdado nas e pelas relações familiares, não que seja transmitido de forma consciente de uma geração para a outra, mas é incorporado por meio das práticas vivenciadas (BOURDIEU, 2015a).

Segundo os sociólogos, há mecanismos objetivos que orientam os grupos femininos a se inclinar aos estudos voltados para a língua, é como se ocorresse uma espécie de internalização de uma necessidade externa, a qual impõe aos grupos femininos um destino provável (BOURDIEU; PASSERON, 1992a).

Isto posto, o que se propõe, neste artigo, é identificar como a variável gênero/sexo pode ou não interferir nos resultados obtidos, sobretudo no que diz respeito à produção de texto do Enem. O objetivo central deste estudo é debater acerca dessa variável à luz da teoria bourdieusiana, a fim de elucidar seus limites e possibilidades. Em razão de alguns limites, foram mobilizados outros autores para desvelar tal fenômeno.

O presente artigo é parte de uma análise histórica que engloba dados de dez aplicações do Enem, de 2009 até 2018. O recorte foi realizado tendo em vista a disparidade entre o número de redações com nota mil e com nota zero. Enquanto há uma infinidade de redações zeradas, as redações com nota mil são cada vez mais raras (SANTANA, 2021). O *corpus* desta pesquisa é composto por 1.154.800 de casos, sendo 11.964 de redações nota mil e 1.142.836 de redações nota zero válidas⁵, o total analisado corresponde à soma de redações que obtiveram nota zero e nota mil. Devido à ampla quantidade de dados, foi utilizado o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), software estatístico que permite filtrar os dados e estabelecer análises posteriores.

Os dados analisados foram produzidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que é responsável por reunir e divulgar os dados colhidos por meio dos questionários socioeconômicos que os participantes respondem ao se inscrever para o exame. No ano seguinte da aplicação, o Inep disponibiliza as informações em formato de microdados. O questionário passou por remodelações entre os anos de 2009 e 2018, no entanto, é constituído por cinco partes, sendo elas: 1) informações pessoais do participante; 2) dados referentes à

⁵ Ao filtrar os dados, observou-se que havia um grande número de redações que eram zeradas por estarem em branco, porém, é praticamente impossível, em uma pesquisa quantitativa, identificar as razões pelas quais o estudante não escreveu sua redação. Por não ser possível precisar o motivo, optou-se por desconsiderá-las.

escola; 3) observações quanto à necessidade de atendimentos específicos; 4) dados referentes às provas e 5) dados socioeconômicos do candidato e de seu grupo familiar. A partir desses microdados é que se tornou possível a presente investigação, uma vez que é com base nesses dados que se propõe a análise.

Cabe salientar que outras variáveis foram consideradas na análise que originou este estudo, de modo que o que caracteriza o perfil dos candidatos que obtiveram nota zero é que, em sua maioria, são estudantes de escolas públicas, cujos pais possuem pouca escolarização e maioria com renda menor de 1 e até 2 salários mínimos. Já os estudantes que obtiveram nota mil são, na maior parte dos casos, oriundos de escolas particulares, filhos de pais com ensino superior e renda familiar de 5 salários mínimos ou mais (SANTANA, 2021). A opção pela variável sexo/gênero ocorreu com a intenção de aprofundar as discussões sobre desigualdades linguísticas e diferenças na socialização entre homens e mulheres na sociedade brasileira.

A fim de tornar a análise dos dados mais visual, foram construídos gráficos de barra que apresentam a frequência de participantes de cada gênero/ sexo, em cada um dos anos analisados. Optou-se por apresentar os gráficos de forma separada, nota mil e nota zero, por uma questão de organização dos dados, sem prejudicar as discussões levantadas.

A TEORIA DA DOMINAÇÃO EM PIERRE BOURDIEU E A QUESTÃO DO GÊNERO/SEXO

As relações de dominação estão presentes nos diferentes campos e em distintos níveis, isso ocorre, pois em todo campo há agentes desiguais, providos de capitais desigualmente distribuídos, com isso, há indivíduos dominantes e dominados, engendrando diferentes estratégias para obter uma melhor posição no campo ou para manter-se em uma posição vantajosa (BOURDIEU, 2003).

Monique de Saint Martin, socióloga francesa que, durante muitos anos, foi membra do grupo de estudos de Pierre Bourdieu, com quem produziu artigos sobre diferentes temas (ROSATTI, BORDIGNON,

2022), argumenta que essa dominação também ocorre em relação ao sexo, a saber

a dominação não é apenas uma dominação de classe ou de grupo. É também uma dominação masculina eludida em *La Noblesse d'État*, [...]. A diferença segundo os sexos, levada em conta nas primeiras análises de correspondências sobre os alunos das Grandes Escolas, tinha um peso tão forte que praticamente esmagava as oposições segundo a origem social e o capital escolar, e foi julgado então preferível não desenvolvê-la nas análises de correspondências [...], e isso merecia análise e reflexão. Não teria sido necessário questionar-se sobre o que significava a seleção, a produção e a reprodução de uma elite escolar quase exclusivamente do sexo masculino? (SAINT MARTIN, 2003, p. 23).

No fragmento, Saint Martin salienta a questão da dominação na obra de Bourdieu, sobretudo a dominação masculina e, ao final, critica o fato de não terem desenvolvido mais profundamente as pesquisas que notavam as desigualdades relacionadas ao sexo, uma vez constatada a predominância masculina. Ainda acerca da dominação masculina, na obra de Bourdieu, a autora afirma

A questão da diferença segundo os sexos é abordada rapidamente e de forma secundária, a respeito dos laureados do Concurso Geral e dos alunos dos cursos preparatórios às Grandes Escolas, mostrando que, nos dois casos, as meninas devem apoiar-se mais do que os meninos, em vantagens compensatórias para passar nos concursos, ou a propósito dos alunos da Escola Normal Superior de Sèvres que, na escolha dos palestrantes a serem convidados a sua escola, conformam-se à “divisão do trabalho entre os sexos que outorga aos homens a política e às mulheres a estética e em particular a literatura.” (SAINT MARTIN, 2003, p. 28).

Ao constatar que, no contexto francês dos anos 60, o grupo feminino devia apoiar-se mais em vantagens compensatórias do que o grupo masculino para obter êxito nos concursos, a autora evidencia, por meio de fatos, a dominação masculina presente no âmbito escolar. Além disso, denuncia o fato de a divisão do trabalho também ser submetida a questões de sexo, em que homens seriam selecionados para tratar de temas políticos na escola, enquanto as mulheres tratariam de estética, por exemplo, a literatura. A crítica da autora recai, sobretudo, em relação ao fato de não terem dado maior atenção ou desenvolvimento mais profundamente, nos estudos bourdieusianos, pesquisas com esse viés.

Cabe destacar que a noção de dominação masculina foi desenvolvida por Bourdieu, baseando-se no modo de organização da sociedade Cabila, na Argélia, no qual, ao desenvolver um estudo etnográfico, observou um funcionamento marcadamente androcêntrico. A partir de algumas noções, previamente cunhadas, como violência simbólica e *habitus*⁶, o autor problematiza a questão da dominação masculina que, apesar do tempo, ainda ocupa um lugar no inconsciente dos agentes e norteia suas práticas, legitimando, de certa forma, uma posição superior do masculino em detrimento do feminino (BOURDIEU, 2012).

Para além, Bourdieu ainda questiona sobre o papel de determinadas instituições sociais, como reprodutoras de uma lógica de dominação simbólica. O autor discute acerca da arbitrariedade dessa dominação, bem como o modo em que essa arbitrariedade é aceita, melhor dizendo, naturalizada. Complementarmente, Bourdieu afirma que esse funcionamento normalizado, reconhecido ou ainda “oficial”, está presente de modo incorporado, ou seja, está forjado no *habitus* dos agentes, dispensando justificativas, “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Em relação à violência simbólica, o sociólogo argumenta que a normalização e/ou naturalização de certas formas de ser, pensar e agir,

⁶ Em linhas gerais, o *habitus* seria um sistema de disposições duráveis que norteia as práticas, princípio gerador das práticas, estruturado a partir da classe de origem dos agentes (BOURDIEU, 1983).

norteadas por uma visão androcêntrica, tendem a colocar o feminino e o masculino em oposição, sobrando para o feminino o lugar do inferior, menosprezado, dominado. Na sociedade Cabila, Bourdieu observou que as mulheres tinham uma imagem autodepreciativa de si mesmas, essa adesão do pensamento feminino ao pensamento masculino, isto é, essa crença dissimulada de que o feminino é inferior ao masculino chancela a violência simbólica.

Trazendo para a realidade atual, vale destacar que, segundo estudo sobre desigualdade de gênero realizado pela Unesco (2022), na área de STEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática) as mulheres representam um número muito inferior ao grupo masculino, tanto no que diz respeito às pesquisas da área, como nos cargos de liderança, reforçando um estereótipo de que a área é voltada para um público masculino. Esse dado é relevante neste artigo, pois indica que ainda está presente a ideia de que há áreas para homens e áreas para mulheres.

Tendo em vista os dados levantados pela Unesco, em relação à desigualdade de gênero no rendimento em diferentes áreas do conhecimento, há alguns aspectos que contribuem para que isso aconteça. Os mecanismos objetivos, defendidos por Bourdieu e Passeron (1992b), dão indícios de razões que contribuem para isso, no entanto, são tratados de forma pouco profunda.

De acordo com o mesmo estudo (UNESCO, 2022), as principais barreiras que balizam o desenvolvimento das mulheres em áreas socialmente tidas como masculinas são: o próprio estereótipo que marcadamente separa as áreas de estudo em masculinas ou femininas; os obstáculos relacionados à progressão de carreira que exigem uma dedicação muito elevada, a qual se torna mais dificultada para as mulheres e a carga de trabalho, no seio familiar, que frequentemente é atribuída às mulheres, embora já tenha havido avanço em relação à divisão do trabalho doméstico, os prejuízos para as mulheres são mais frequentes, principalmente, para as mais jovens. Zacchi (2016) ainda levanta a desigualdade de rendimento entre os sexos como um dificultador do desenvolvimento feminino na maioria das áreas.

Em consonância com Saint Martin, Corrêa (1999) tece críticas em relação à teoria da dominação masculina de Pierre Bourdieu por, a partir da

análise de um contexto específico – a sociedade Cabila – gerar interpretações universalistas. Além disso, segundo a autora, Bourdieu pretendia fazer uma análise como se estivesse externo ao contexto de dominação, como se ele não contribuísse ou reproduzisse certos comportamentos próprios do lugar que ocupava. De acordo com Devreux (2005), Pierre Bourdieu teria interpretado as formas simbólicas da dominação como a “totalidade heurística da dominação masculina” (p. 532), ou seja, como se estruturas objetivas justificassem a dominação masculina por si só e em todas as suas facetas.

Apresentar essa contextualização da noção de dominação masculina serve, justamente, para evidenciar a relevância de continuar levando a cabo pesquisas sob este viés. Principalmente, por reconhecer que essa dominação se exerce de forma velada, como “ordem natural das coisas”, operando distinções profundas, já que se inscreve desde o *habitus* dos indivíduos. Todavia, destaca-se que é necessário fazer as devidas ponderações, para que não se caia no equívoco de construir análises baseadas em reprodução de estereótipos.

A ANÁLISE DE GÊNERO/ SEXO NOS RESULTADOS DAS REDAÇÕES DO ENEM

A análise estatística foi preterida nesta investigação devido ao grande número de casos selecionados, entretanto, as técnicas da abordagem qualitativa foram fundamentais para tornar as análises mais robustas. Esse entrelaçamento das diferentes abordagens de pesquisa encontra respaldo na corrente teórica seguida, a qual alia diferentes técnicas de investigação em sua metodologia de pesquisa. Um exemplo de que é possível conciliar diferentes abordagens e manter o rigor científico é a própria obra de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, *Les Héritiers: les étudiants et la culture*, datada de 1964, que tinha por objetivo compreender as desigualdades que perpassavam o ambiente escolar. Partindo de dados quantitativos, eles realizaram uma interpretação qualitativa das informações obtidas. Acerca do modo como foram conciliadas diferentes abordagens em *Os Herdeiros*, Rohling defende

Quando se diz, então, que Les Héritiers representou uma mudança de paradigma, [...] diz-se justamente que, com ela, as análises não se concentravam apenas na apreciação estatística dos dados empíricos, mas que, com e através deles, pronunciamentos de caráter qualitativo são estabelecidos. E é especial e notadamente por meio dessa análise qualitativa do material empírico que, no trabalho de Bourdieu e Passeron, a dinâmica interna do objeto é desvelada (ROHLING, 2014, p. 287).

Na teoria de Bourdieu (2015a, 2015b) e nas obras em conjunto com Passeron (2014, 1992a, 1992b) e com Champagne (2015), é possível encontrar pressupostos que revelam que a origem social é um dos fatores que pode influenciar no desempenho dos estudantes, e é isto que se fará aqui, uma análise de um dos fatores que está entrelaçado com a condição de origem, a fim de examinar como isso se dá com relação ao desempenho na redação do Enem.

Partindo das considerações levantadas, investigou-se a variável relacionada ao gênero dos participantes que obtiveram notas mil ou zero na redação do Enem. Tal variável foi analisada à luz dos conceitos bourdieusianos de dominação e dominação masculina. Além disso, foi possível encontrar, nas obras de Bourdieu e Passeron (2014, 1992a, 1992b), outros elementos que possibilitaram a análise aqui proposta, mas que precisou ser complementada com discussões de outras pesquisas, em função de alguns limites.

Segundo Bourdieu e Passeron (1992a), há um sistema de determinações relacionado à classe de origem que opera distinções durante a carreira escolar dos agentes. Os teóricos apresentam um quadro esquemático para explicar como essas determinações influenciam em maior ou menor grau, ao longo do percurso escolar, nas formas de ser, pensar e agir dos estudantes. No esquema (1992a, p. 101), há uma divisão conforme a fase de ensino, por esta razão está dividido em quatro partes, sendo elas: primária, secundária, superior e pós universitária (utilização profissional da qualificação escolar). É possível observar que a variável sexo está correlacionada com a condição de classe de origem,

que está na fase primária de ensino. A variável sexo, em conjunto com outras variáveis (todas atreladas à condição de classe de origem), ao ser retraduzida, na fase secundária, evidencia que está relacionada diretamente às probabilidades objetivas⁷, inclusive, nas fases seguintes será retraduzida e convertida até atingir as condições de classe de chegada. Portanto, direta ou indiretamente, a variável sexo/ gênero participa do processo escolar e interfere, em maior ou menor medida, nos resultados obtidos. No entanto, a diferença no capital linguístico entre os sexos foi pouco explorada na análise e, quando mencionada, ocorreu para explicar a maioria feminina em cursos de Letras⁸, a partir de uma definição genérica de “disposição feminina”, que condenaria as mulheres a algumas profissões socialmente mais aceitas.

De acordo com os sociólogos, na situação francesa de 1960, além do sexo e da origem social, o capital linguístico e o grau de seleção também influenciaram na carreira escolar e nos produtos do sistema de ensino. Estes dois fatores auxiliam no entendimento do que ocorre no caso da redação do Enem, pois o que é exigido na redação é, de certa forma, um capital linguístico, podendo ele ser possuído em maior ou menor grau, diferenciando assim, na qualificação dos textos, isto é, quanto mais capital linguístico acumulado maior a nota obtida, quanto menos capital linguístico acumulado menor a nota. Portanto, é evidente que há influência do capital linguístico na desenvoltura do participante na prova de redação. Porém, vale lembrar que o capital linguístico não é uma competência que se adquire de forma única e exclusivamente pela instituição escolar, mas sim, em conjunto com a posse de outros capitais, sendo eles muitas vezes

⁷ Vale lembrar que as probabilidades objetivas seriam as chances prováveis de êxito, relacionadas com as condições de classe do agente, ou seja, com o destino provável. As probabilidades objetivas estão ligadas ao que é possível de ser realizado por um determinado agente, que pertence a uma classe de origem, já, quando o agente passa a compatibilizar as disposições, de modo mais ou menos inconsciente, ele adequa as probabilidades objetivas com a esperança subjetiva, tornando a necessidade uma virtude.

⁸ Como os estudos de Bourdieu e Passeron (1992b) estavam voltados para as desigualdades de êxito escolar, tendo como premissa a linguagem como fator de distinção, a pesquisa foi realizada com estudantes do curso de Letras, pois é um contexto em que o viés linguístico está profundamente em evidência.

herdados pela família. Em relação a isso, Bourdieu e Passeron afirmam que

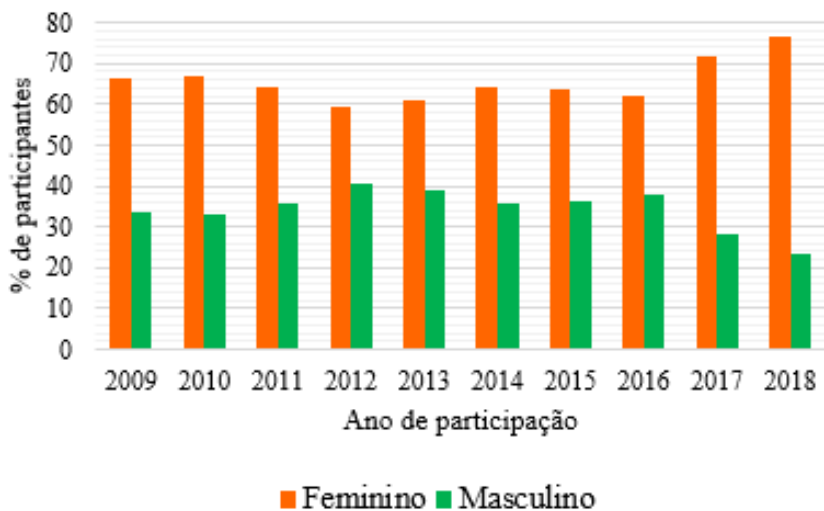
Particularmente manifesta nos primeiros anos de escolaridade em que a compreensão e o manejo da língua constituem o alvo de atenção principal no julgamento dos mestres, a influência do capital linguístico não cessa nunca de se exercer: o estilo permanece sempre levado em conta, implícita ou explicitamente, em todos os níveis do ensino médio e, ainda que em graus diversos, em todas as carreiras universitárias, mesmo científicas. Mais do que isso, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas ela fornece, além de um vocabulário mais ou menos rico, um sistema de categorias mais ou menos complexo, de sorte que a aptidão à decifração e à manipulação de estruturas complexas, quer elas sejam lógicas ou estéticas, depende em certa parte da complexidade da língua transmitida pela família (BOURDIEU; PASSERON, 1992a, p. 82, 83).

Portanto, assim como outras formas de capital, o capital linguístico também é desigualmente distribuído, no entanto, possui uma particularidade em relação ao sexo dos agentes. Para Bourdieu e Passeron, há mecanismos objetivos que orientam os grupos femininos a se debruçar aos estudos voltados para a língua, ou seja, “a interiorização da necessidade externa que impõe essa definição aos estudos femininos” (BOURDIEU; PASSERON, 1992a, p. 88). É nesse sentido que se observou uma limitação da teoria bourdieusiana, pois a inclinação dos grupos femininos a certos estudos e áreas é definida como um destino comum, sem problematizar o porquê de isso acontecer. Em contextos de dominação masculina, como defendido por Saint Martin (2003), há vantagens compensatórias nas quais o grupo feminino se apoia para poder obter êxito e essas vantagens podem servir de indícios para compreender certos fenômenos.

Em seguida, estão os gráficos relacionados ao sexo dos candidatos que obtiveram nota mil ou zero na redação do Enem, no período entre 2009 e 2018. Ressalta-se que os dados quantitativos serão analisados de forma qualitativa, acionando conceitos bourdieusianos e problematizando

reflexões críticas que abordam a dominação masculina tal qual foi cunhada pelo autor.

GRÁFICO 1 – SEXO DOS PARTICIPANTES QUE OBTIVERAM NOTA MIL NA REDAÇÃO DO ENEM

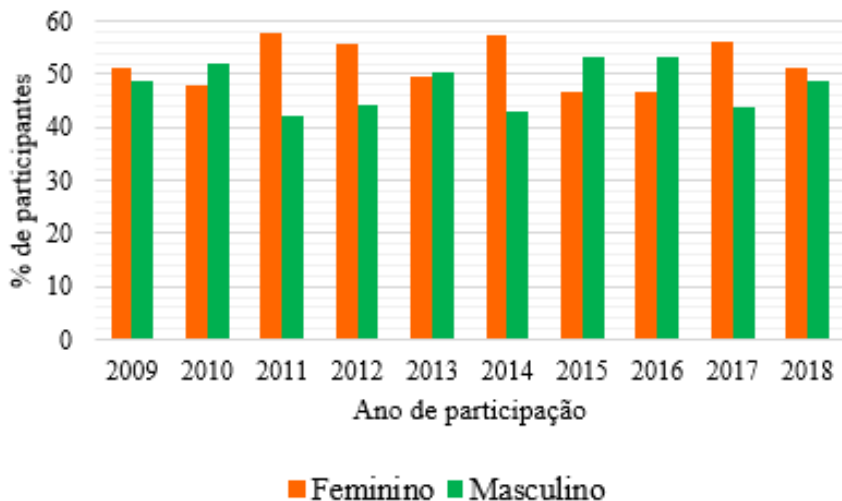


FONTE: Microdados do Enem.

NOTA: reunidos pela autora.

Tendo em vista os participantes que obtiveram nota mil na redação, desde 2009 até 2018, em todos os dez anos de aplicação analisados, houve uma prevalência do grupo feminino em relação ao grupo masculino. Nos anos de 2010, 2017 e 2018, a porcentagem de candidatas que obtiveram mil chegou a representar mais que o dobro do grupo masculino.

GRÁFICO 2 – SEXO DOS PARTICIPANTES QUE OBTIVERAM NOTA ZERO NA REDAÇÃO DO ENEM



■ Feminino ■ Masculino

FONTE: Microdados do Enem.
NOTA: reunidos pela autora.

Em relação ao sexo dos candidatos que obtiveram nota zero na redação do Enem, não há uma unanimidade como ocorreu com os participantes que receberam nota mil. Nesse sentido, nota-se uma inconstância nos dados; dos dez anos de aplicação analisados, em quatro deles (2010, 2013, 2015 e 2016) o grupo masculino representou a maioria, já, nos outros seis anos, o grupo feminino esteve nesta posição. Em suma, entre os candidatos que obtiveram nota mil, o grupo feminino ocupa um lugar proeminente, enquanto que entre os candidatos que obtiveram nota zero, os grupos feminino e masculino estão mais equiparados.

Convém advertir que em diversos levantamentos feitos por jornais, como o *Nexo*⁹, *O Estadão*¹⁰ dentre outros, o grupo masculino predomina

⁹ Ver: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2018/10/19/A-escolaridade-dos-pais-e-o-desempenho-dos-filhos-no-Enem>.

¹⁰ Ver: <https://infograficos.estadao.com.br/educacao/enem/desigualdades-de-genero-e-raca/>

nas quatro grandes áreas do Enem¹¹, inclusive na média geral, obtendo maiores notas em todas áreas, exceto na redação, que é dominada pelo grupo feminino. Não só nesses veículos, mas em pesquisas acadêmicas essas constatações também foram apresentadas (ZACCHI, 2016).

O grupo feminino ocupa lugar de destaque no Enem, porque da mesma forma que é maioria nas redações nota mil, o grupo também representa a maioria na quantidade de inscritos no exame. Isso evidencia que há condições desiguais em relação ao sexo dos candidatos, pois ao passo que as mulheres obtêm as melhores notas na redação e representam a maioria dos inscritos, em todas as outras áreas, os homens ocupam as posições de destaque (ZACCHI, 2016).

Segundo Artes (2007), as meninas tendem a apresentar um rendimento mais elevado em avaliações que envolvem letramento, por possuírem mais afinidade com práticas de leitura, afinidade essa socialmente construída. Corroborando tal constatação, Soares e Collares (2006), indicam que há uma tendência por parte do grupo feminino em apresentar melhor desempenho nos estudos e conhecimentos linguísticos. Logo, nota-se uma superioridade do grupo feminino no que diz respeito ao trabalho com o texto.

Conforme os dados apresentados, observa-se que as mulheres representam a maioria tanto no grupo de participantes que obtiveram nota mil na redação, como no grupo dos candidatos que obtiveram zero (dos dez anos de aplicação analisados, em seis anos, elas foram a maioria com nota zero). Na média geral, elas obtiveram as melhores notas, mas não se pode ignorar o fato de que elas são a maioria no grupo de participantes inscritos e presentes, representando uma média de 57%, enquanto os homens representam 43% (SANTANA, 2021), isto é, há mais mulheres realizando a prova. Além disso, a discrepância entre os resultados é muito mais marcada no gráfico 1, do que no gráfico 2.

Quanto à maioria feminina entre os inscritos no exame, outro dado merece ser destacado. No Brasil, a taxa de analfabetismo entre homens é

¹¹ Além da Redação, o Enem é composto pelas seguintes áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

maior do que entre as mulheres, considerando jovens entre 15 e 19 anos (CARVALHO, 2004). Isso ocorre por uma série de razões, que envolvem, em grande parte, a necessidade de trabalhar para ampliar a renda da família. Em relação a isso, Carvalho (2004) afirma

Sabemos que a grande maioria desses jovens analfabetos passou pela escola e não conseguiu se apropriar da ferramenta da leitura e escrita, teve uma trajetória escolar marcada pela repetência e pela evasão e esse é um indicador de que a escola está fracassando frente a um grupo grande de jovens no qual se concentra uma maioria de pessoas do sexo masculino (CARVALHO, 2004, p. 249).

A discussão levantada por Carvalho sinaliza razões para entender o porquê de mulheres serem maioria no grupo de redações com maiores notas, mas a sua contribuição é ainda mais significativa no que tange ao fato de o grupo de inscritos ser composto em maior parte pelo grupo feminino, considerando, sobretudo, as questões de evasão escolar por parte do sexo masculino.

Defende-se que as mulheres serem a maioria a fazer a prova não deve ser a justificativa para o fato de serem a maioria a obter nota mil. Existe, de fato, um domínio de capital linguístico mais elevado por parte do grupo feminino. Não se chegou a esta conclusão exclusivamente pelo fato de serem maioria no grupo de participantes que obtiveram mil, mas também por representarem a maioria a tirar melhores notas na redação, no grupo total de participantes do Enem (CARVALHO, 2017; SANTANA, 2021).

O fato de o grupo feminino sair-se melhor na redação com nota mil (pouquíssimos casos em relação ao total), não lhe permite estar em uma melhor colocação no exame como um todo. Os dados reunidos revelam que há uma superioridade feminina única e exclusivamente na prova de redação do Enem, ou seja, nas demais áreas do conhecimento avaliadas pelo exame prevalece uma dominação masculina. Esse resultado pode impactar na escolha dos cursos superiores, tendo que priorizar cursos com menor concorrência ou em instituições menos preteridas, por exemplo.

Zacchi (2016), tendo analisado os dados do Enem de 2011, constata que “o desempenho masculino superou o feminino na prova objetiva e o inverso ocorreu na prova de redação” (ZACCHI, 2016, p. 7). A autora completa afirmando que “a média brasileira (no exame de 2011) é 11,4% de desempenho superior dos homens em relação às mulheres” (ZACCHI, 2016, p. 143).

Ao entrelaçar a informação de que as mulheres possuem trajetórias escolares mais longas – ou que evadem com menor frequência (CARVALHO, 2004) – com os dados que indicam que a área de maior desenvoltura feminina é a produção textual torna-se claro como o capital linguístico é um importante fator de distinção. Todavia, para além da distinção pelo viés do capital linguístico, fica evidente que o grupo feminino tende a se apoiar em estratégias, mais ou menos conscientes, para se manter no jogo. Nesse sentido, identificar as vantagens compensatórias que contribuem para a permanência das mulheres no contexto escolar, que reproduz e conserva desigualdades, inclusive de gênero, seria uma pista metodológica para compreender como o grupo feminino busca evitar que a dominação masculina se perpetue como uma dominação escolar (SAINT MARTIN, 2003).

Para Zacchi (2016), os dados relacionados ao melhor desempenho do grupo feminino, na prova de redação, inferem que o interesse e as práticas de leitura e escrita das mulheres tendem a ser maiores que o dos homens e que a capacidade de escrita delas é diretamente influenciada pela maior dedicação à leitura, o que também intervém diretamente na maior facilidade de comunicação das mulheres por meio da escrita. Essas práticas voltadas para a leitura poderiam ser interpretadas, de certa forma, como vantagens compensatórias que conferem um resultado mais elevado para mulheres na escrita.

Ainda acerca dos dados relacionados à superioridade feminina na área de linguagens e da masculina em todas as demais, Zacchi completa afirmando que esses dados

refletem valores de uma sociedade marcada pela dominação masculina a qual interfere e orienta as escolhas individuais bem como o processo de aprendizagem e o desenvolvimento de interesses diferenciados por gênero em relação às áreas do conhecimento escolar (ZACCHI, 2016, p. 265).

Sobre o predomínio do grupo feminino identificado nos dados em relação à redação do Enem, foi possível identificar outras pesquisas que confirmam tal argumento. Carvalho (2017), ao analisar o perfil dos participantes que fizeram a prova de redação do Enem 2015, constatou que a superioridade feminina nesta área ficou evidente. Além disso, a autora não realizou um corte por nota em suas análises, considerando diferentes gradações, o que fortalece ainda mais o argumento.

Consonantemente, Luz (2006) e Menezes-Filho (2007), com base nos dados do Sistema de Avaliação da Educação Brasileira (Saeb), concluíram que o grupo feminino tende a obter melhor desempenho em Língua Portuguesa, enquanto o grupo masculino obtém melhores resultados em Matemática. Defende-se que essa tendência em obter melhores resultados em avaliações que exijam maior desenvoltura linguística pode indicar que uma das vantagens compensatórias, na qual o grupo feminino se apoia, como proposto por Saint Martin, seria o investimento em obtenção de capital linguístico, como estratégia, mais ou menos consciente, de alcançar lucros, sobretudo, simbólicos.

Segundo Bourdieu, o capital linguístico e o grau de seleção seriam responsáveis por conferir um maior êxito escolar aos agentes, entretanto, desvelar o modo de apreensão desse capital, considerando as demais estratégias postas em prática se coloca como um desafio a ser investigado. Isso porque para compreender tal fenômeno, é necessário pesquisar um contexto mais amplo, isto é, a análise da variável sexo/gênero isoladamente traz algumas pistas para interpretações, porém abordá-la em conjunto com outras variáveis poderá contribuir para o desenvolvimento de estudos mais precisos¹².

¹² Em Santana (2021), são abordadas outras variáveis para identificar os principais fatores de distinção entre os participantes que obtiveram zero ou mil na redação do Enem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, realizou-se uma análise da variável gênero/sexo no que diz respeito à produção de texto no Enem, tendo por base a teoria da dominação de Bourdieu, no entanto, para levar a cabo tal estudo, foi necessário acionar outros autores, a fim de apontar algumas razões pelas quais o grupo feminino obteve maiores notas e como ocorre essa superioridade feminina em relação ao trabalho com o texto.

Uma das justificativas evidenciadas reforça o quanto as práticas socialmente legitimadas como “práticas femininas” têm o poder de reforçar um padrão de funcionamento, isto é, a reprodução de uma visão androcêntrica, de uma cultura da dominação masculina, e isso tende a interferir no desempenho dos indivíduos de acordo com o seu gênero. O interesse pelas práticas de leitura pode, de fato, influenciar na melhor performance escrita do grupo feminino, no entanto, essa predileção pela leitura se dá por uma construção social de que as mulheres devem se dedicar a esse tipo de atividade. Ou seja, o capital cultural, sobretudo o capital linguístico, dessas mulheres que obtiveram nota mil nas redações foi possivelmente construído a partir de uma série de condições pessoais, mas também sociais. No Brasil, mulheres possuem uma carreira escolar mais longa do que homens (CARVALHO, 2004) e em relação às questões de linguagem, são socializadas para a predileção pela escrita e leitura.

Aprofundar as questões levantadas por Saint Martin (2003) e, de certa forma, prenunciadas na obra de Pierre Bourdieu, reconhecendo seus limites e extrapolando-os é, sem sombra de dúvidas, uma maneira de fazer com que a teoria bourdieusiana seja revisitada, utilizando sua essência crítica em relação às diferentes roupagens da dominação.

É evidente que algumas noções formuladas pelo teórico francês continuam de grande valia para a análise da desigualdade de gênero, como a violência simbólica e o próprio conceito de *habitus*, assim como as categorias teóricas voltadas para a linguagem, como o capital cultural e o capital linguístico, uma vez que servem como importantes indicadores de vantagens compensatórias por parte do grupo feminino. Entretanto, cabe destacar que, para realizar pesquisas com este viés, é imprescindível

traçar nexos entre a teoria e o contexto investigado que extrapolem a visão reducionista que separa homens e mulheres segundo interesses socialmente estereotipados.

Problematizar as desigualdades de desempenho entre os gêneros a partir de aspectos relacionados à distribuição desigual de capitais, divisão social do trabalho e condições subjetivas de existência se apresenta como um caminho possível para novas interpretações das diferenças de desempenho escrito. Para além, metodologicamente, destaca-se que a análise multivariada pode contribuir para ampliar o debate acerca dessas desigualdades, complementando a análise da variável gênero/sexo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Tereza Gonzaga et al. Fatores familiares e desempenho escolar: uma abordagem multidimensional. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 3, p. 571-603, 2013.
- ARTES, Amélia Cristina Abreu. Indicador nacional de alfabetismo funcional-2001: explorando as diferenças entre mulheres e homens. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.33, n.3, p. 561-580, set./dez. 2007.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Linguístico (Capital; Mercado)*. In: CATANI, Afrânio Mendes.; NOGUEIRA, Maria Alice.; HEY, Ana Paula.; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de (Org.). *Vocabulário Bourdieu*. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. p. 250-255.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. 16^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015a, p. 79-88.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. 16^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015b, p. 46-72.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11^a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim do Século, 2003. p. 119-126.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. Tradução: Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Olho d'água, 1983. p. 39-72.
- BOURDIEU, Pierre.; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice.; CATANI, Afrânio Mendes. (Org.). *Escritos de educação*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 243-255.
- BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. A escolha dos eleitos. In: BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução de: Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 15-45.
- BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. Capital cultural e comunicação pedagógica. In: BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução – Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992a. p. 79-118.
- BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. Fundamentos de uma teoria da violência simbólica. In: BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução – Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992b. p. 15-75.
- CARVALHO, Francisca Eliane Dias de. *Fatores socioeconômicos associados ao desempenho dos estudantes na prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)*. 2017. 179 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26905/3/2017_tese_fedcarvalho.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.
- CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 247-290, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a10.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2023.

- CORRÊA, Mariza. Bourdieu e o sexo da dominação. *Revista Novos Estudos*, CEBRAP, n. 54, jul., p. 43-53, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4300334/mod_resource/content/1/CORR%C3%8AA%2C%20Mariza.%20O%20sexo%20da%20domina%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.
- DEVREUX, Anne-Marie. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 3, set./dez, p. 561-584, 2005.
- DRAELANTS, Hugues.; BALLATORE, Magali. Capital cultural e reprodução escolar: um balanço crítico. *Educação e Pesquisa*, [S. l], v.47, p. e470100301, 2021. Disponível em: <https://www.revista.usp.br/ep/article/view/188199>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- FITOUSSI, Jean-Paul.; ROSANVALLON, Pierre. *A nova era das desigualdades*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1997.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2018*. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>>. Acesso em: 27 de nov. 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2017*. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>>. Acesso em: 27 de nov. 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2016*. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2015*. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2014*. Brasília: Inep, 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2013*. Brasília: Inep, 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2012*. Brasília: Inep, 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2011*. Brasília: Inep, 2011. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2010*. Brasília: Inep, 2010. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Microdados do Enem 2009*. Brasília: Inep, 2009. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Acesso em: 27 de nov. 2020

LUZ, Luciana Soares. *Os determinantes do desempenho escolar: a estratificação educacional e o efeito valor adicionado*. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, XI., 2006, Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP. 2006. p. 1-20. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/abep2006_899.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

- MASSI, Luciana; MUZETTI, Luci Regina; SUFICIER, Darbi Masson. A pesquisa sobre trajetórias escolares no Brasil. *RLAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v.12, n.3, p. 1854-1873, jul./set., 2017.
- MENEZES-FILHO, Naercio. *Os determinantes do desempenho escolar do Brasil*. Instituto Futuro Brasil, IBMEC São Paulo e Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. Sumário Executivo, 2007. Disponível em: <http://www.cepe.ecn.br/seminarioiv/download/menezes_filho.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. *A Dominação masculina*. In: CATANI, Afrânio Mendes.; NOGUEIRA, Maria Alice.; HEY, Ana Paula.; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de (Org.). *Vocabulário Bourdieu*. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. p. 155-157.
- PIOTTO, Débora Cristina; NOGUEIRA, Maria Alice. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para a pesquisa em educação. *Educação e Pesquisa*, [S. l], v.47, p. e470100301, 2021. Disponível em: <https://www.revista.usp.br/ep/article/view/188199>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- ROHLING, Marcos. A constituição de um novo paradigma das Ciências Sociais. Observações teórico-metodológicas sobre “Les Héritiers”. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 270-296, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723815292014270>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- ROSATTI, Camila Gui; BORDIGNON, Rodrigo da Rosa. Monique de Saint-Martin: uma nota biográfica. *Política e Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 50, 148-155, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-7984.2022.e.89871>>. Acesso em: 26 out. 2023.
- SAINT MARTIN, Monique de. Dominação social, dominação escolar. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 21-29, jan./jul. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25659> Acesso em: 20 fev. 2023.

SANTANA, Izabel Jensen. *A redação do Enem como um percurso com diferentes pontos de partida: as desigualdades sociais convertidas em desigualdades escolares*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

SOARES, João Francisco; COLLARES, Ana Cristina Murta. Recursos familiares e o desempenho cognitivo dos alunos do ensino básico brasileiro. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, p. 615-650, 2006.

UNESCO. *Resumen Ejecutivo - Informe de Resultados: Factores Asociados*. Tercer Estudio Regional Comparativo y Explicativo (TERCE). Acesso em: 22 fev. 2023.

UNESCO. *Uma equação desequilibrada: aumentar a participação das mulheres na STEM na LAC*. Montevideú, Uruguai. 2022. Disponível em: [policypapers-cilac-gender-pt.pdf \(britishcouncil.org.br\)](#). Acesso em: 23 ago. 2023.

ZACCHI, Raquel Callegario. *Desempenho escolar e desigualdades educacionais no Brasil: uma análise a partir do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)*. 2016. 288f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. Universidade Estadual Do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro. 2016.

Texto recebido em 28/02/2023 e aprovado em 30/07/2023